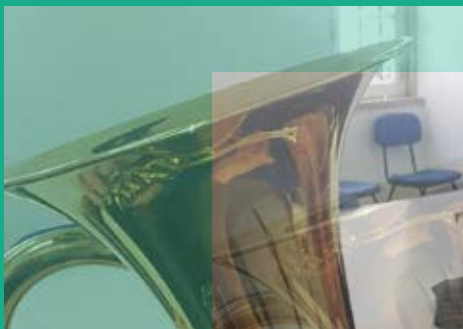


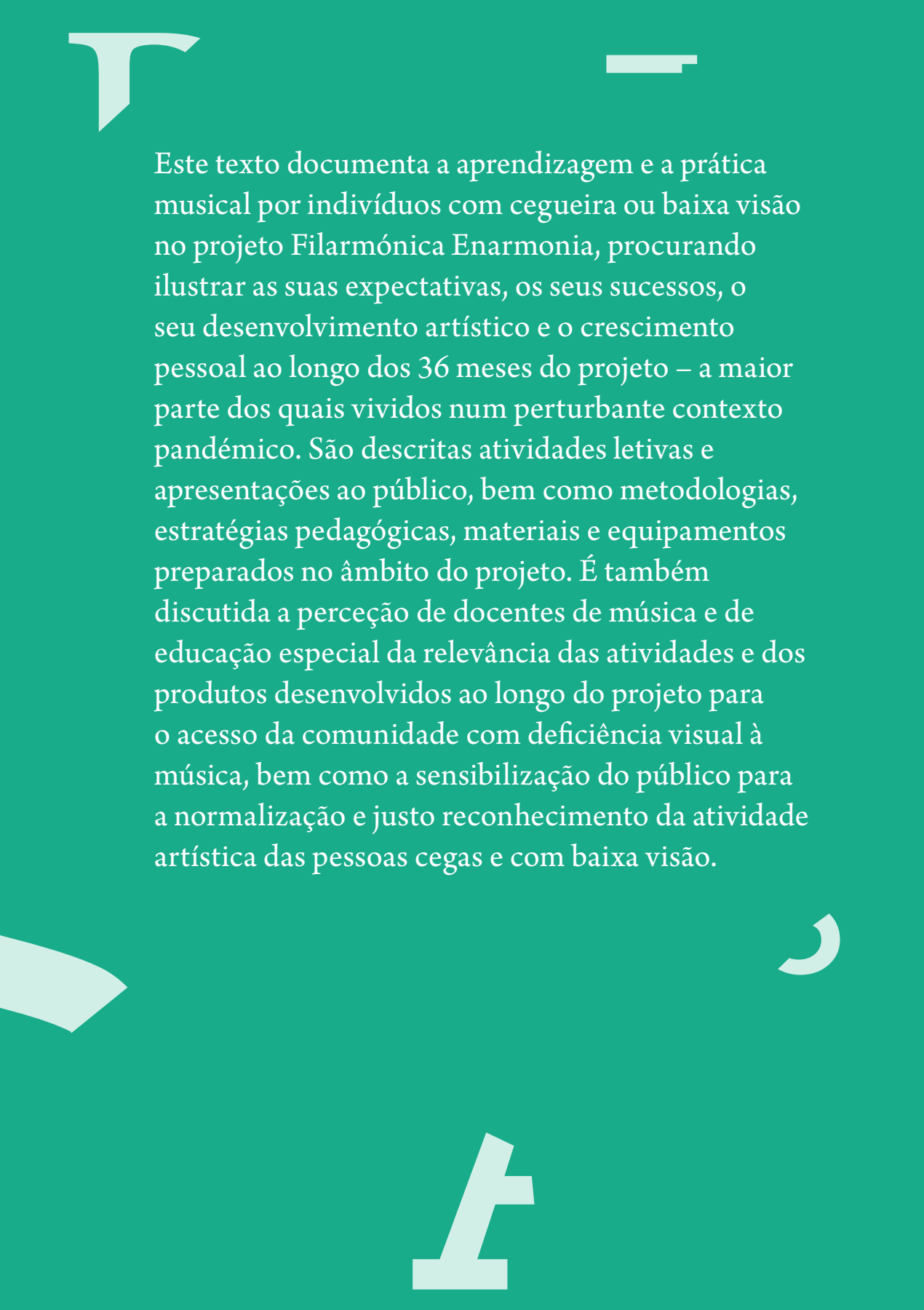
Filarmónica Enarmonia
Patrícia Paiva, Rui M. Pinto



© Associação Bengala Mágica

"A música (...) que
outros não veem
como eu"

uma Enarmonia em marcha



Este texto documenta a aprendizagem e a prática musical por indivíduos com cegueira ou baixa visão no projeto Filarmónica Enarmonia, procurando ilustrar as suas expectativas, os seus sucessos, o seu desenvolvimento artístico e o crescimento pessoal ao longo dos 36 meses do projeto – a maior parte dos quais vividos num perturbante contexto pandémico. São descritas atividades letivas e apresentações ao público, bem como metodologias, estratégias pedagógicas, materiais e equipamentos preparados no âmbito do projeto. É também discutida a perceção de docentes de música e de educação especial da relevância das atividades e dos produtos desenvolvidos ao longo do projeto para o acesso da comunidade com deficiência visual à música, bem como a sensibilização do público para a normalização e justo reconhecimento da atividade artística das pessoas cegas e com baixa visão.

Para os *filarmónicos* cegos, com baixa visão e normovisuais que aos sábados à tarde se reúnem na Academia de São Domingos de Benfica, a música tornou-se parte do seu quotidiano. Ali aprendem, há já dois anos, aula após aula, as noções de teoria musical, os signos convencionais da música em tinta e em musicografia *braille*; educam o ouvido e memorizam as notas das peças que, daí por uns instantes, irão praticar nos seus instrumentos de sopro ou percussão, para mais tarde as executarem no ensaio da banda filarmónica. Todos se empenham para que, do seu contributo, possa soar uma única banda; todos se inspiram por esse propósito artístico comum, por um sentido de enarmonia – a noção que, em música, estabelece como um só som notas de designação distinta. Na verdade, são diversas as suas histórias, distintas as suas realidades, mas do seu empenho conjunto resulta, ao sábado, um único som. Partem, de instrumento às costas, com a perceção de que, no estudo em casa, devem procurar fazer melhor, para que, com a superação de todos, a sua Filarmónica Enarmonia possa crescer. Trazem no rosto um sorriso de satisfação, não apenas pelos pequenos sucessos de cada sábado, mas também porque sabem que podem, sempre que queiram, expressar-se em música.

Um antes...

Como ainda para tantos outros, o seu acesso à música foi, por vários anos, protelado; a memória desses tempos ainda permanece, embora sirva, desta feita, para recordá-los do seu progresso. Acabada a aula, acabado o ensaio, ouvem-se, por entre o burburinho que se levanta, os trechos musicais estudados, cantados pelo Z. O mais velho dos alunos do projeto, Z., confessou-nos que esperava pela oportunidade de aprender um instrumento há várias décadas. Inscrito no projeto por uma tutora – que tinha notado, mais do que o défice cognitivo, o seu extraordinário ouvido –, Z. teve no pai, entretanto falecido, o seu mais ardente entusiasta, que procurou sempre acalantar e potenciar o sonho do filho. Impedido de tocar sempre que queria, por alguns vizinhos menos compreensivos, Z. prolonga sempre a sua aula, testemunhando-nos o quão importante é para ele ser músico. M., que também se inscreveu logo às primeiras semanas no projeto, recordava que, “desde pequena, [procurava] aprender um instrumento” e dava conta das inúmeras vezes em que lhe foi negada essa oportunidade: “Em muitos sítios, por uma pessoa ter uma visão limitada ou mesmo quase cega, ou cega mesmo, rejeitam-nos.” Casos há em que os mais exímios autodidatas veem aprovado o seu ingresso no ensino

especializado da música, mas esbarram na aprendizagem dos conteúdos teóricos da música: B. frequentou um estabelecimento privado de ensino musical, mas apenas pode usufruir da aprendizagem do seu instrumento, não tendo recebido, em cinco anos, qualquer aula de formação musical e outras disciplinas teóricas. É certo que o currículo do ensino regular contém Educação Musical obrigatória durante o 2.º ciclo do Ensino Básico, sendo as suas respetivas aprendizagens essenciais incluídas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Despacho n.º 6478/2017). Para muitos alunos do país, é na Educação Musical que é feito o primeiro, e muitas vezes único, contacto com a aprendizagem e a prática musical, e para o caso específico dos alunos cegos, o panorama não é mais feliz do que o acima descrito. “Não gostava muito porque não fazia nada [nas aulas de Educação Musical]. Ficava lá apenas a ouvir [enquanto os demais alunos executavam flauta de bisel]” – relata C., uma das novas percussionistas do projeto. Mau grado, acumulam-se, entre os alunos, relatos de episódios similares. Outros professores socorrem-se da prática musical, deixando de parte os conteúdos teóricos, o que não deixa de constituir uma prática continuada de exclusão. Assim sucede porque os professores de música do ensino regular e especializado não beneficiaram de qualquer formação específica para alunos com deficiência no decurso da sua graduação: em específico, não lhes foram ministradas musicografia *braille* ou quaisquer outras orientações para o ensino de música a pessoas cegas e com baixa visão. Como observa o Prof. Claudino Pinto, a classe de musicografia *braille* foi excluída do currículo do Conservatório nos passados trinta anos, e fora a inexistência dessa formação que o levava a desenvolver várias iniciativas (esporádicas) de ensino de teoria musical e musicografia *braille* em instituições e em escolas do ensino regular. Encontrámos alguns dos seus alunos nas aulas abertas, exímios em musicografia *braille* e dotados de um extraordinário talento musical que lhes permitia, desde logo, improvisar alguns temas em vários instrumentos. Mas a alguns – como A. ou R. –, outras contingências, como a falta de transporte, assegurado apenas para os períodos letivos, impediam-nos de frequentar o projeto aos sábados e reunir-se aos demais para a aprendizagem e prática conjunta de música.

Foram, assim, a prática de um instrumento de sopro e percussão, menos convencional no ensino regular e especializado, bem como a aprendizagem de teoria musical e musicografia *braille*, que convidavam alguns dos alunos a inscreverem-se no projeto após as aulas abertas organizadas nos primeiros meses do projeto e no início de cada ano letivo. De cada uma dessas sessões

resultou, sempre, um novo grupo de alunos inscritos. Para muitos, era um regresso à música, a oportunidade concretizada de aprender um instrumento. Para os alunos mais novos, que frequentam ainda no ensino regular aulas de música, era uma aprendizagem complementar. E, a esse respeito, apelativo era para alguns pais que os filhos pudessem “aprender música num contexto de ensino adaptado” à sua condição. E., mãe de P., clarifica:

Achámos que a sua inscrição numa escola normal de música estaria um pouco mais limitada (...) e a alternativa seria aulas particulares. A nossa expectativa era que aprendesse música num projeto como este, com uma equipa sensibilizada para a sua limitação física.

O mesmo entende O., pai de L., que espera que a frequência do projeto a possa auxiliar em outros instrumentos, como o piano, para o qual a trompetista da filarmónica manifestou talento desde criança. Para Q., pai de H., foi a aprendizagem da musicografia *braille* e, por esse meio, uma mais constante prática da leitura em *braille* – numa fase em que o filho iniciava essa aprendizagem – que lhe pareceu ser uma mais-valia do projeto.

O projeto não foi só apelativo para aqueles que procuravam a prática musical. Professores de educação especial, como K. (e X.) inscreveram-se com o ensejo de aprenderem musicografia e formação musical e, sobretudo, para virem a conhecer algumas metodologias desenvolvidas para o ensino de música a pessoas cegas e com baixa visão; também professores de educação musical, de música na comunidade e musicólogos procuraram conhecer com detalhe quais os conteúdos programáticos, as metodologias, as boas práticas, os instrumentos, os materiais e os equipamentos utilizados, para que pudessem vir a ensinar música, da melhor forma, à comunidade com deficiência visual.

durante...

Das aulas abertas realizadas nos primeiros meses do projeto ou no início do ano letivo, organizadas pela Associação Bengala Mágica, realizadas na sede da Associação com o apoio da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica e em escolas de referência – o Agrupamento de Escolas Maria Amália Vaz de Carvalho, o Agrupamento de Escolas das Olaias, o Agrupamento de Escolas Sebastião da Gama, o Centro Helen Keller – e preparadas com entidades

parceiras – como a Associação Boa Vizinhança, a Associação Nacional para a Inclusão de Cidadãos com Deficiência Visual, a Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais, a Associação Mão-Guia, o Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos da Santa Casa de Misericórdia – passaram os alunos às sessões regulares do projeto, aos sábados. Vinham já com vontade de aprender aquele instrumento, dos disponíveis nas aulas abertas, em que se tinham saído melhor e que lhes fora aconselhado pelos professores; como se previra na candidatura, os pais das crianças, os familiares dos menos jovens e outros mediadores das entidades parceiras acompanhavam-nos nas quatro sucessivas aulas e, quando se lhes apresentou a oportunidade de se reunirem à Filarmónica – que haveria de incluir alunos cegos, com baixa visão e normovisuais –, alguns aceitaram com entusiasmo. Q., que foi músico nos tempos livres e que guarda a expectativa de que H. também o possa vir a ser, valoriza muito essa “[nova] forma de [passarem] algum tempo juntos” e reforça que lhe parece imprescindível que o seu filho possa também obter os benefícios da prática artística que ele outrora conheceu. I., saxofonista amador, e N., pais de Y. e F., normovisuais, acreditam também que, no projeto, os seus filhos poderão incrementar outras competências transversais, além das artísticas e do gosto pela música:

[irão desenvolver] as relações interpessoais, a autoconfiança, a auto-estima, a sensação de que são capazes de fazer; [conhecirão] como lidar com a frustração, porque nesta área [artística] vão surgir certamente muitas dificuldades, o que poderá fazê-los experienciar alguns momentos de desalento que não sabem ainda gerir, mas que farão parte mais tarde do seu dia-dia; [assimilarão] a importância do trabalho, do treino e do foco, para conseguir atingir melhores resultados; e [trar-lhes-á] a responsabilidade, porque é preciso cuidarem do próprio instrumento.

J., também músico amador, pretendia que os filhos S., cego, e D., normovisual, pudessem usufruir o máximo da aprendizagem da música, pois entendia – com uma penosa lucidez – que de futuro aquela arte poderia ser a sua alternativa (ou mais, a sua possibilidade) profissional. Com G., com baixa visão, que conheceu o projeto numa das aulas abertas, vieram inscrever-se o pai, U., cego, e a irmã, V., que aprendia clarinete na Orquestra Geração: G. procura encontrar também o talento do pai para a percussão, e este, dos

vários instrumentos em que provou ter potencial, escolheu o saxofone, para que a filha possa também com ele aprender em casa um instrumento diferente e dedicar-se nas aulas e ensaios a ajudar aqueles, mais novos, que se iniciaram há menos tempo no clarinete. De um modo surpreendentemente empenhado, estes pais tomam o lugar de colegas de filarmónica e de professores em casa, e dessa procura mútua pela superação dimana a coesão, o fortalecimento dos laços familiares.



© Virgínia Barbosa

A cada sábado, crianças, jovens, adultos, seniores, filhos, pais, irmãos e amigos congregam-se em pequenos grupos distintos, de acordo com as classes que frequentam. Enquanto os normovisuais frequentam a aula de formação musical, os filarmónicos cegos e com baixa visão reúnem-se na aula de musicografia *braille* com os normovisuais interessados em aprender esta matéria; nesse período, os novos alunos prosseguem as suas primeiras aulas de instrumento.

Decorrem, no tempo letivo seguinte, as diversas aulas de treino auditivo e memorização, e novos grupos se constituem, distinguidos, desta feita, pela afinação dos vários instrumentos e pela parte (melodia, contracanto, baixo)

que desempenham na filarmónica: as flautas [oboés e fagotes] (em dó) e a percussão; os clarinetes, cornetins e saxofone soprano (em si bemol); os saxofones alto (mi bemol); as trompas (fá); os saxofones tenor, os eufónios, os trombones [de pistões] e as tubas (em si bemol); cada um dos naipes aprende, canta com as notas a sua parte respetiva das músicas que se tocam na filarmónica. Assim o é, porque as notas executadas nos diversos instrumentos transpositores não são as mesmas, e o ouvido de cada aluno deve ser educado conforme o instrumento que toca: ao som do dó em efeito real (das flautas, oboés e fagotes), corresponde o ré de clarinetes, cornetins, saxofones soprano e tenor, eufónios, trombones e tubas; o sol das trompas e o lá dos saxofones alto.

Após um intervalo mais longo, muitas das vezes aproveitado no espaço do jardim ali perto (Quinta da Alfarrobeira), sucedem-se as aulas de instrumento. Por naipes – flautas e saxofones; clarinetes; cornetins; instrumentos de registo grave; e percussão –, desenvolvem a sua agilidade e expressão no instrumento: após o aquecimento, realizam alguns exercícios técnicos para, depois, executarem as peças da filarmónica.

É, finalmente, tempo do ensaio e todos se reúnem para melhorar o programa crescente de obras da banda, coligidas e arrançadas do cancionero folclórico, do repertório tradicional infantil, da música erudita e da música *pop*: recordam-se alguns temas já conhecidos, de que todos aprenderam a melodia, para depois se trabalharem as novas peças (nas quais uns tocam uma primeira voz melódica, outros uma segunda, alguns o acompanhamento, e outros o baixo); outras vezes, inicia-se o ensaio com alguns exercícios de improvisação, para que os alunos possam também dar azo à sua criatividade em música.

Todos os períodos letivos servem de preparação ao ensaio, tudo é concebido em função da atividade da Filarmónica Enarmonia: de facto, as peças são gradualmente mais difíceis e tomam em atenção uma progressiva aprendizagem da teoria musical: dos temas com poucas notas, em figuras rítmicas iguais, e em compassos simples se passa a temas mais complexos, em escalas conjuntas e intervalos, com distintas figuras rítmicas e em compassos simples e compostos; a monodia melódica dá progressivamente lugar à polifonia, a linhas melódicas distintas. São esses rudimentos, esses conteúdos musicais aprendidos, revistos nas aulas de musicografia e formação musical; memorizados nas aulas de treino auditivo e praticados nas aulas de instrumento. Por esse meio se procura precaver alguma ocorrente ansiedade e frustração e transmitir o conhecimento e a confiança para que, no ensaio, os jovens músicos possam superar-se na aprendizagem do seu instrumento e,

juntos, possam contribuir para o melhor resultado artístico da sua Filarmónica. Mas, ainda assim, não é apenas a maior qualidade artística que se almeja: é, antes, o sentido de participação, o labor conjunto, o empenho com que cada um, consoante o seu grau de aprendizagem, procura executar cada vez melhor a sua parte (mais fácil, menos difícil) que impera.

A organização das sessões difere, portanto, da habitual dinâmica de aulas e ensaios de uma banda filarmónica e dos critérios artísticos que nessas mesmas instituições se praticam para o ingresso, capacitado, mas muitas vezes adiado, de novos músicos. Ao contrário do ensino individualizado de solfejo e do instrumento, por meio de rudimentos teóricos e exercícios de leitura e de métodos com estudos técnicos de instrumento, na Filarmónica Enarmonia favorece-se a aprendizagem por música, conciliada entre períodos letivos: a prática de estudo é sempre acompanhada, o ensaio, em que todos, antigos e novos alunos e seus professores, participam, é sempre antecipado; docentes de educação especial e psicólogos da equipa social, atentos em cada aula e ensaio, reforçam o estímulo à pretendida superação, medeiam a concertação com a frustração, prolongam o aplauso que os incita nesse percurso que há pouco iniciaram e potenciam o convívio entre alunos, entre pais, ou melhor, entre músicos, e seus assistentes, da Filarmónica Enarmonia.

Se, de início, muitos dos alunos não se sentiam atraídos por esta organização porque lhes interessava a aprendizagem de um instrumento, mais tarde vieram a compreender a importância da aprendizagem dos conteúdos teóricos, ou a utilidade da memorização no estudo individual de instrumento e na prática de conjunto, que lhes permitirão serem músicos mais hábeis, mais capazes. A repetição de parte do repertório já estudado em cada ensaio, a par das músicas novas, acarretava para os mais hábeis algum aborrecimento: mas, hoje, esses mesmos observam tal reposição do repertório doutro modo: é a oportunidade de fazer melhor e de reconhecer os seus avanços na execução do instrumento, é seu encargo executarem-na bem e ajudarem aqueles que na Filarmónica, e na música, dão os primeiros passos.

O resultado tem sido profícuo: consolida-se o entendimento de conceitos e conteúdos musicais e, enquanto a maioria consegue já executar com facilidade peças de maior dificuldade no âmbito de oitava e meia, no registo grave e médio, outros exploram já a sua agilidade no registo agudo; incrementou-se a sua capacidade de memorização, e muitos conseguem já desempenhar linhas melódicas secundárias, contracantos, enquanto outros executam a primeira voz. As dificuldades de execução são vencidas,

as ocorrentes frustrações são combatidas com empenho e o seu estudo continuado torna-os paulatinamente melhores músicos. A confiança que daí decorre, o orgulho de ser músico, evidencia-se nas atividades do projeto, bem como nas sucessivas apresentações que realizam, individualmente, para as suas famílias, para colegas das escolas e instituições que frequentam. Mais do que isso, reforça-se o sentido de pertença e, sem surpresa, lê-se nos perfis das redes sociais de alguns alunos a nota de que são músicos da Filarmónica Enarmonia.

O sentido de pertença e de responsabilidade mútua é também daqueles que os acompanham: no parque infantil do jardim infantil da Quinta da Alfarrobeira onde os mais pequenos brincam durante o intervalo, os pais atentam ao recreio de todas as crianças; alguns tomam a seu encargo o transporte dos seus e de outros, para que ninguém perca mais um sábado; nas redes sociais partilham-se as conquistas pessoais, organizam-se boleias, auxiliam-se em outros aspetos da sua vida quotidiana. E muitos pais reúnem-se no Grupo de Ajuda Mútua criado pela Associação para conversarem acerca das suas ansiedades, necessidades, expetativas, para tomarem conhecimento de iniciativas ou para partilharem experiências e conhecimentos que lhes permitam garantir aos filhos um crescimento mais pleno.

Para além do sentimento generalizado de que a música é uma arte que praticam, que hoje lhes é acessível, da frequência ao projeto e do convívio de alunos cegos, com baixa visão e normovisuais, resultaram outras, mais específicas, respostas sociais. Aqueles que, além da deficiência visual, têm doenças, como hidrocefalia ou neurofibromatose, viram potenciada a sua capacidade de memorização, a sua concentração e uma gestão melhorada do cansaço que esse esforço lhes acarreta. A escolha, aconselhada pelos professores, de um instrumento de sopro com maior potencial sonoro por alguns alunos com problemas de audição acabou também por se revelar frutífera: para além da comum progressiva educação do ouvido, uma das alunas notou que a prática de saxofone tinha melhorado o seu défice auditivo e que prestava já atenção a sons de que não tinha noção, o que julgava ter sido um dos maiores ganhos que tinha alcançado no projeto. Foram esses cuidados com a escolha mais adequada de instrumentos para indivíduos cegos e com baixa visão – que previra o uso de instrumentos hoje abandonados em bandas, como o trombone de pistões, em lugar do trombone de vara, desadequado para a prática conjunta da comunidade com deficiência visual – e a familiaridade que, semana após semana, se vai estreitando que permitiram a um pai que conferisse connosco a utilidade de um outro tipo de trompetes, de mais pequena dimensão (mas de

maior custo), para que os alunos com baixa visão se pudessem mais facilmente aproximar da estante: atento e insistente com o seu filho para que progredisse na musicografia *braille* e melhorasse a sua capacidade de memorização, o pai quis garantir-lhe, enquanto lhe for possível, ler música em tinta, em partes aumentadas, e lidar mais gradualmente com a deficiência visual. Em razão dessa pertinente sugestão, na Filarmónica os cornetins preferem-se aos habituais trompetes.

A confraternização de alunos cegos, com baixa visão e normovisuais, bem como o convívio com alguns elementos das equipas social e artística com cegueira e baixa visão em vários dos períodos letivos e nos intervalos, auxiliaram os mais consternados com a cegueira, provando-lhes que aquela condição não os limita no seu quotidiano. Apesar da sua severa baixa visão, W. recusou por longo tempo essa condição: para além da constante tentativa de ler em partituras ampliadas, não lhe interessava a musicografia *braille*, pois conseguia ler, conseguia ver. Professores de música e de educação especial, psicólogos, alunos mais velhos tentaram por várias vezes fazer notar a importância da aceitação da sua deficiência visual, muitas vezes sem sucesso. Foi bem recentemente que notámos que W. prossegue nessa aceitação, quando nos expressou as palavras que servem de epígrafe a este texto. Respondeu-nos que, neste projeto, para além da música, aprendera que “os outros não veem como ela”. Nós, que a vemos crescer, queremos acreditar que, por essas palavras, nos transmitiu que percebe que, embora não seja cega, já não vê como outros alunos, normovisuais, e que sabe que, como todos eles, não obstante o maior ou menor grau da deficiência visual, conseguirá prosseguir na música e, sejam eles quais forem, nos seus objetivos e sonhos.

entretanto...

Assolou-nos uma pandemia. A prolongada suspensão das atividades letivas presenciais havia de caracterizar o período intermédio do projeto. Ao cumprimento das medidas de confinamento emanadas da Direção-Geral de Saúde sucedeu a adiada retoma das aulas presenciais: interdito o habitual espaço cedido pela Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, que, por servir a atividades da Academia destinadas à comunidade sénior, inspirava adicionais cuidados, a Filarmónica encontrou na sede de entidades parceiras – como a Associação Boa Vizinhança, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul e Escola do Largo – um espaço para esse reencontro, que se tornou regular apenas desde inícios do ano letivo de 2021-2022.

Importava protegermo-nos uns aos outros, sem que se deixasse de garantir o acesso à música aos participantes do projeto. Canceladas as aulas de 14 de março de 2020, as equipas procuraram precaver a realização das aulas no período de confinamento que, dias depois, foi decretado. A preocupação maior era prover aos alunos, a maior parte deles crianças, um sentido de (possível) normalidade num período de flagelo. Nessa mesma semana, as redes sociais – que até então serviam o ocasional diálogo entre alunos, suas famílias e membros das equipas artística e social – tornaram-se o fórum de diversas apresentações e desafios lúdicos musicais entre professores e alunos. Cientes de que as recomendações de higiene sanitária acabariam por reprimir a execução de instrumentos de sopro e a prática musical conjunta por tempo maior do que o de confinamento, as equipas do projeto e a Direção da Associação Bengala Mágica delinearam um conjunto de medidas para a prossecução do projeto em período pandémico: reinventaram-se metodologias e equipamentos, reformularam-se os propósitos do projeto, com o fito de sustentar o vínculo à música e à Filarmónica dos vários alunos inscritos e suas famílias. Pelas mais diversas plataformas *online* – as mais acessíveis a pessoas cegas, como WhatsApp, bem como por Skype, Zoom e Teams –, os alunos beneficiaram, nos meses seguintes, de aulas individuais de musicografia e formação, treino auditivo e memorização e de instrumento. Conciliaram-se, para vários meses, os conteúdos programáticos de cada matéria e ultimaram-se novos arranjos e métodos de instrumento para distribuição aos alunos, para que estes, nesse ensino individual, pudessem desenvolver, de igual modo e ao mesmo passo, as suas competências artísticas.

A equipa social procurou, em alguma medida, garantir o apoio psicológico possível aos participantes diretos e indiretos do projeto, por meio de frequentes conversas informais com os alunos, bem como com pais e mediadores, e garantindo o acesso à informação e formação através de webinários e Atelier de Partilha à distância; por seu turno, os professores de instrumento aferiam também regularmente o estado de espírito dos filarmónicos. Incrementou-se ainda o diálogo nas redes sociais, para que não se gorasse a familiaridade alcançada: por incentivo dos professores, ou por iniciativa dos alunos, várias gravações dos temas das bandas (cantados com nome das notas, ou tocados) surgiam quase diariamente. No final de cada período, numa sessão virtual participada por alunos e familiares, pelos membros das equipas artística e social e da Direção da Associação Bengala Mágica e por mediadores de algumas entidades parceiras, os filarmónicos apresentavam os

resultados do estudo do instrumento, repetindo, uns após outros, as mesmas peças. Todavia, perdeu-se, por vários meses, a prática de conjunto, adiaram-se as programadas apresentações da Filarmónica Enarmonia.

Entretanto, antecipava-se o regresso das aulas presenciais e a adoção de medidas de prevenção. Alunos e encarregados de educação e mediadores foram consciencializados de um conjunto de normas, mais vasto do que as recomendações de higiene sanitária, várias das quais adotadas nos principais estabelecimentos de ensino artístico europeus e norte-americanos: além do distanciamento físico recomendado – que obrigava à reiterada descrição da disposição do espaço –, da limpeza frequente das mãos e do uso de máscara nas aulas teóricas, de memorização (canto) e percussão, os alunos deviam, nas aulas práticas, fazer uso de uma máscara adaptada – para a execução de instrumentos de sopro –, bem como de “fatinhos” – que cobriam os instrumentos, por forma a evitar a dispersão de aerossóis por orifícios e campânulas –, ambos fabricados pela equipa artística; o escoamento da condensação de água resultante devia efetuar-se nos lavabos, e a limpeza obrigatória do instrumento haveria de ser feita, à vez, noutra sala; desaconselhável era também a troca de instrumentos,

© Associação Bengala Mágica



acessórios, materiais e outros equipamentos. As aulas retomar-se-iam em regime misto: a cada quinzena, parte dos alunos frequentaria aulas presenciais, e outra parte realizaria sessões à distância, por Zoom ou WhatsApp; essa rotatividade de alunos, professores e membros da equipa social tomava em conta o seu convívio presencial em estabelecimentos de ensino ou noutras redes de contacto. As aulas presenciais realizar-se-iam em espaços adequados (abertos ou bem arejados) e por um período menor de tempo, para que se procedesse ao seu arejamento e limpeza. Os ensaios deveriam ser cautelosamente organizados no exterior ou num espaço de grande dimensão, por forma a cumprir a distância entre alunos e, para esse efeito, procurou-se obter divisórias em acrílico.

A habitual realização de aulas abertas para novos beneficiários do projeto teve também de ser repensada: para tais sessões, que se haveriam de realizar a cada quinzena (atendendo a períodos de quarentena) e em rotação de equipas, favorecia-se a prática de instrumentos de percussão, cuja distribuição aos alunos se anteciparia, atendendo à assiduidade dos interessados nas seguintes sessões *online*; a experimentação dos instrumentos de sopro decorreria, mais tarde, em sessões presenciais. Dada a interrupção dos ensaios, adiaram-se os concertos, que se organizariam, sempre que possível, no exterior. Porém, a adoção de tais recomendações só decorreu esporadicamente: ante a dificuldade em usufruir do espaço habitual para as aulas, julgou-se preferível a prossecução das aulas *online*.

A realização de duas, três sessões individuais de quarenta e cinco minutos *online* durante a semana, em que se praticava musicografia/formação, treino auditivo e memorização e instrumento, cedo demonstrou os seus frutos. Para o sucesso dessa aprendizagem, contribuíram, em larga medida, pais, familiares, encarregados de educação e mediadores. Não obstante o cansaço desse esforço redobrado, todos partilham a convicção de que tais sessões lhes haviam possibilitado consolidar a sua aprendizagem e, sobretudo, assimilar novas noções teóricas da música e desenvolver a sonoridade, expressão e técnica instrumental. Mas a ausência, a inexistência de ensaios, fora também particularmente sentida: “Senti a falta de tocarmos todos juntos”, começou por dizer T. ao recordar a sua prática instrumental nesses meses. Nas sessões de grupo de final de período – que mal substituíam esses momentos de convívio musical –, a par da fraternidade que os une, grassava, entre pais, membros das equipas, diretores da Associação, um sentimento de profunda admiração pelo triunfo artístico dos filarmónicos, pois, em tempos tão conturbados, mais óbvia talvez se tenha tornado a sua autonomia na execução do instrumento.

um depois...

O tão aguardado início presencial das aulas decorreu em outubro de 2021. Cumprindo várias das normas acima descritas, retomaram-se as aulas e, finalmente, os ensaios, nos quais se comprovava também o desenvolvimento artístico dos alunos. Era, pois, tempo de iniciar a preparação dos concertos, e o primeiro agendou-se para o Natal seguinte. A expectativa dessa exposição pública da sua aprendizagem musical trazia-lhes tremendo entusiasmo, mas também um sentido de responsabilidade, que acarretava para muitos, senão todos, alguma ansiedade: alguns enervavam-se com a presença de público; outros receavam esquecer as notas memorizadas; vários sentiam-se incapazes de tocar bem, sem quaisquer falhas, todas as peças. A percepção de que o programa exigia a memorização de todas as peças e de que o andamento das mesmas seria o adequado aos ainda menos hábeis – em suma, que o sucesso dependia de todos – inspirou-os a um reforçado empenho e a uma quase plena assiduidade. Nessa primeira atuação, triunfaram o trabalho conjunto, a superação e o espírito de entreajuda dos filarmónicos e de todos que os acompanham no projeto. Nas atuações seguintes, realizadas em maio, repetiu-se o sucesso, mas a apresentação de novo repertório, mais exigente e de maior duração, agravou a ansiedade de muitos: por essa razão, a interpretação das peças é intercalada por breves apresentações das peças e, sobretudo, dos fins do projeto, para que haja tempo para verificar as notas memorizadas ou, por vezes, para que professores e técnicos das equipas artística e social possam de imediato apaziguar a frustração de um ou outro músico e incitá-los a todos a um excelente desempenho. A par dos concertos, surgiram também outros convites para sessões de trabalho artístico conjunto com agrupamentos musicais, o que contribuiu amplamente para que os participantes do projeto se sentissem integrados – como intérpretes e não apenas como aprendizes de um instrumento, como até então se intitulavam – no meio musical. “De coração cheio”, “orgulhosos do que têm aprendido”, dedicam-se com brio ao estudo e à prática de conjunto, “à espera do próximo” concerto.

Com esses concertos, a Filarmónica Enarmonia encetou, de modo mais premente, o seu contributo na sensibilização da sociedade para o reconhecimento das competências artísticas da pessoa com deficiência visual. O acolhimento do público dos concertos tem sido deveras positivo. Em resposta aos questionários, os ouvintes confessaram-se surpreendidos com a maestria dos filarmónicos cegos e com baixa visão em instrumentos musicais menos convencionais e sublinharam o mérito do projeto na garantia de um pleno acesso às artes àquela



© CAPA - Conservatória de Artes Performativas de Almada

comunidade: “todos têm direito de poder [usufruir e colher o merecido aplauso] da prática das artes” e “devem arranjar-se soluções para garantir essa acessibilidade” – argumentavam os inquiridos. Unânicos são também o entendimento de que o projeto incrementa a realização pessoal, a motivação, a força de vontade, a autonomia, o reconhecimento e a integração das pessoas cegas e com baixa visão. Se bem que muitos reconhecem que são criadas oportunidades para a sua atividade artística e musical, vários asseveram que boa parte da sociedade as desconhece e propõem-se partilhar as suas impressões sobre a frutífera aprendizagem e os triunfos artísticos da comunidade com deficiência visual. “Deslumbrados pela partilha da música por normovisuais e deficientes visuais”, e com a manifestação de que “a arte é [efetivamente] de todos para todos”, sentem “ter experimentado um mundo melhor (...) atento à necessidade da inclusão e cidadania ativa”. Confessam-se inspirados pela sua “força e dedicação”, pela sua “resiliência e fé”, pela sua “felicidade”. De pouco em pouco, a complacência que os enterneceu quando, não há muito, se deparavam com um ou outro músico cego vai-se substituindo por um justo reconhecimento e um sentido de admiração pelos méritos artísticos que estes conseguem alcançar, por talento, por força de vontade e por empenho.

de futuro...

Os materiais de ensino e outros equipamentos desenvolvidos no decurso do projeto vieram suprir a inexistência ou a dificuldade de acesso a manuais que permitissem a compreensão de teoria musical e musicografia *braille*, a aprendizagem de instrumentos de sopro e percussão e a prática de conjunto de indivíduos com deficiência visual, e estão acessíveis a quem deles queira usufruir, através da Biblioteca de Recursos da Associação Bengala Mágica. Foram criados pelas equipas artística, social e tecnológica, com o auxílio de todos os participantes diretos e indiretos. Para além das inúmeras recomendações que connosco partilharam, ensinaram-nos, aula após aula, a concretizar melhor a iniciativa artística a que nos tínhamos proposto; e a sua generosidade em procurar garantir a outros o mais profícuo acesso à música inspirou-nos a todos a perseguir empenhadamente essa missão: do nosso esforço conjunto, resultaram “Orientações para o ensino de instrumentos de sopro e percussão a alunos com deficiência visual”, preparadas em tinta, *braille* e musicografia *braille* e em audiolivro; transcrições de manuais de teoria musical, preparadas nos mesmos formatos; jogos musicais; diagramas de digitação e outras adaptações a instrumentos e protótipos tecnológicos para a prática de conjunto.

Cabe – por ora – aos membros das equipas artística e social transmitir essa aprendizagem mútua a outros professores do ensino artístico e de educação especial nas previstas ações de formação. A inscrição consecutiva e crescente de formandos comprova a relevância desta derradeira iniciativa. Alguns desconheciam a existência de musicografia *braille* e procuram agora aprender, com entusiasmo, algumas noções básicas; acolhem com entusiasmo também as recomendações para a prática de memorização, para o ensino de instrumentos e para a prática de conjunto. Sublinham a utilidade dos jogos e de outras metodologias lúdicas, dos manuais de instrumento e dos equipamentos e defendem a sua adoção em escolas de ensino artístico e nos agrupamentos escolares de referência. Em seu entender:

A acessibilidade à arte e à cultura é um direito que não deveria ser negado a ninguém. Podermos garantir que pessoas com deficiência têm as ferramentas necessárias para produzir arte (mesmo que não seja para fins profissionais), [o que será] um grande passo no caminho para a [sua] integração. [Que] um dia haja pelo menos um professor em cada conservatório para apoiar e ajudar as pessoas com deficiência que pretendem aprender e fazer música.

A par das ações de formação, pretendemos que alguns dos formandos possam, sob a coordenação das equipas do projeto, realizar também algumas aulas abertas para os alunos com deficiência visual das instituições locais. Por esse meio se concretizará, paulatinamente, um sonho maior destes primeiros “filarmónicos”: em várias Enarmonias, um pouco por todo o país, o pleno acesso de todos os indivíduos cegos e de baixa visão à aprendizagem da música, à prática das artes.

© Associação Bengala Mágica



Referências bibliográficas

- AA.VV. [s.d.]. *Ver pela Arte, Projeto de Ensino de Música a Deficientes Visuais. Resumo de uma experiência piloto*, manual técnico.
- BARREIRA, Luís Miguel Maia da Cruz (2022). *Supporting Mixed-Visual Abilities Musical Ensembles*, Dissertação de Mestrado sob a orientação de Hugo Nicolau, Instituto Superior Técnico.
- FERNANDES, António, *Apontamentos de Teoria Musical para Uso dos Cegos*. Porto: Centro Prof. Albuquerque e Castro.
- GORLICK, Bettye (2004). *Educação Inclusiva. Manual internacional de musicografia braille*, Maria Glória Batista da Mota (coord.). Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Especial,

